

BIBLIOTECA
DE
LITERATURA BRASILEIRA

1128

Biblioteca de Literatura Brasileira

XI

LOURENÇO

FRANKLIN TÁVORA

LOURENÇO

(CRÔNICA PERNAMBUCANA)



Introdução de
ANIBAL FERNANDES

Ilustrações de
ALDEMIR MARTINS

CARLOS LACERDA
BIBLIOTECA



LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.
RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 — SÃO PAULO

FRANKLIN TÁVORA E O SEU TEMPO

Ao contrário do que aconteceu com Machado de Assis, que foi escritor “de eclosão tardia” (Lúcia Miguel Pereira no prefácio de “Casa Velha”) e “só pela altura dos 40 anos ousou ser o que era”; o nosso Franklin Távora começou cedo. Aos 18 anos, havia publicado “A Trindade Maldita” (Contos no Botequim), qualquer coisa no gênero das “Noites na Taverna”; e logo mais “Um mistério de Família”, drama em 3 atos, representado por Furtado Coelho, no Santa Isabel. Se bem que nascido no Ceará, a 13 de janeiro de 42, grande parte de sua carreira literária fez no Recife, então o grande centro intelectual do Norte. Para aqui transportou-se, a fim de, como todo mundo, tirar o seu curso de direito; foi mesmo membro da Assembléia Provincial; aqui se ficou por muito tempo; e em 67 era Diretor Geral da Instrução Pública.

Olívio Montenegro, que a êle pouco se refere n’“O Romance Brasileiro” (consagra-lhe apenas duas linhas), no seu livro “Memórias do Ginásio Pernambucano” alude com viva simpatia à sua ação, como funcionário, dizendo mesmo que Távora pôs em ordem a diretoria do ensino público provincial; e lhe chegou a dar uma dignidade burocrática.

Já naquele tempo, Távora acutilava os “colégios particulares de instrução secundária”, chegando mesmo a dizer que “garantiam previamente aos alunos a aprovação no fim do ano, nos exames preparatórios para a Faculdade”. E isso porque “seus professores eram os próprios lentes do Colégio das Artes, e portanto examinadores forçados e interessados”.

O jornalismo bem novo o atraiu. E parece que êsse deveria ser o seu campo, sobretudo o jornalismo de idéias. Começou colaborando n’“O Ateneu Pernambucano”, periódico dito científico e literário, cujo primeiro número saíu em julho de 1856 e o último em abril de 1863. Nesse jornal,

que era o órgão da sociedade científico-literária do mesmo nome, fundada a 3 de maio de 1855 por alunos da Faculdade de Direito, sob a presidência do dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares (v. Anais da Imprensa Periódica Pernambucana — Alfredo de Carvalho — Recife-1908) escreveu assiduamente, sendo considerado “um dos estudantes mais distintos”.

Mas a sua maior atuação jornalística parece ter sido à frente do jornal “A Verdade”, semanário que se dizia consagrado à causa da humanidade; e cujo primeiro número saiu a 22 de junho de 1872, como órgão da Maçonaria. Isso foi no tempo da Questão Religiosa, de que o Recife foi o grande cenário. “Com a chegada do bispo d. Vital a Pernambuco, a maçonaria, resolvendo representar-se por um órgão, que defendesse os seus direitos e promovesse os seus interesses, convidou o dr. Franklin Távora a fundar e redigir êsse órgão. Foi uma fôlha de combate, que em todo o Império quase produziu uma revolução nas idéias religiosas; e à qual se deve, em grande parte, a importância que assumiu a questão religiosa em Pernambuco. Sua leitura foi proibida pelo bispo em pastoral “sub-grave”. Essa fôlha, para a qual colaboravam vários dos primeiros escritores de Pernambuco, é um importante repertório de notícias sôbre êste período de nossa história; ali se discutiram importantíssimas questões de direito constitucional e eclesiástico” (Blake-Dic. Bibli. Braz. Volum. III pags. 443 — apud Alfredo de Carvalho — Anais da Imprensa Periódica Pernambucana-Recife-1908).

Êle mesmo diz, referindo-se a êsse periódico, na carta ao amigo e colega Rangel de S. Paio, escrita em outubro de 79, quando morava, já, no Rio, e na sua casa das Laranjeiras (v. “Um Casamento no Arrabalde” — História do tempo em estilo de casa — Segunda edição de 500 exemplares — Rio de Janeiro — Tip. Nacional — 1881): “... fôlha que tive a honra de dirigir por perto de dois anos”. E fixando êsse período de sua mocidade, lembrava o papel de uma população quase em pêso, que buscava sair do domínio teológico, “lutando com uma instituição cercada do prestígio da autoridade de há muitos anos e da consagração de crença, nunca até então abalada tão vivamente”.

É muito interessante para quem quiser apreciar o papel do Recife, como centro intelectual do Norte, transcrever trechos dessa carta, tão pouco conhecida hoje:

— “Apresentava o Recife, por êsse tempo, uma feição que o lapis da história há de apanhar ainda, inspirando-se nos documentos e nas tradições. O povo então lia, como nunca lera antes, e como não lerá tão cedo. Cada dia trazia uma nova forma, uma nova manifestação dêsse Briareu invencível, que se chama a imprensa. Era o periódico efêmero, era o avulso pungente, era a proclamação incendiária, o verso taful, a sátira envenenada, e em tudo isto o que verdadeiramente falava não eram as vis paixões do povo, senão o esforço da consciência por libertar-se de antigas cadeias que o acorrentavam. O Recife mal dormia as noites. Logo muito cedo, o artista, o negociante, o empregado público, o homem de letras, o jovem, o ancião, a moça, a matrona, a velha estavam lendo o jornal. Nunca vi excitação igual no espírito público, tendo as raízes no lar doméstico. Mas não deve causar admiração aquêlê constante alvoroço; tratava-se da questão religiosa. Os que eram pelo bispo queriam ver como os maçons e os que seguiam a êstes respondiam aos atos episcopais do dia precedente; os outros queriam conhecer os novos golpes que a maçonaria desfechava contra o episcopado, que campeava fulminando excomunhões, mandando expulsar das irmandades os da seita condenada, negando os últimos socorros espirituais aos que não abjuravam a maçonaria, proibindo sepultura sagrada aos que em vida, ou na hora extrema não tinham riscado o seu nome dos quadros maçonicos, ou consentindo que os seus diplomas fôsem queimados. Recordo-me ainda do que ocorreu por ocasião de publicar-se a pastoral do bispo que proibia “sub grave” a leitura da “Verdade”. Resolveu a redação dêsse periódico fazer o que em casos semelhantes é uso: anunciou pelas fôlhas diárias que distribuiria gratis ao povo o número seguinte. Quando chegou a ocasião de distribuir-se o anunciado número, as proximidades do escritório cobriram-se de gente; e pelas escadas subia e descia o povo que parecia carreiro de formiga. Em poucas horas esgotou-se uma edição de 5 mil exemplares. Para o Recife, onde a “Verdade” tinha grande circulação, aquêlê extraordinário consumo da fôlha amaldiçoada, indicava grande favor público”.

E rematava, saudoso: “Tenho saudades dêsse tempo de febre nos espíritos de excitação nos centros nervosos da

grande cidade; a excitação por uma grande causa ateia a chama da vida. Formávamos no Recife, não só uma grande cruzada contra o obscurantismo, mas também um Congresso Literário, do qual nasceu a “União do Norte”, que foi de pouca duração, porque o assunto religioso, novo, cheio de atualidade, absorvia os ânimos quase exclusivamente”.

Nessa época, Távora estava na Côrte, que a princípio tantas desconfianças lhe inspirava; era primeiro oficial da Secretaria do Império e no ano seguinte, sócio do Instituto Histórico Brasileiro, de que veio a ser orador. Tinha fundado a “Revista Brasileira”, que durou de maio de 1870 a dezembro de 1881 e na qual publicou os romances “O Sacrificio”, em 1879, e logo mais “Lourenço”, em 1881.

Essa “Revista Brasileira”, que de início devia ser apenas um órgão literário, que abrigasse a todos os espíritos, logo mais se tornou uma tribuna de combate; e Távora continuou no seu antigo propósito de dividir a literatura brasileira em dois campos antagônicos — literatura do norte e literatura do sul.

De resto, todos os seus livros refletem a vida nortista ou antes certos aspectos da vida nordestina, de vez que a maior parte de sua produção tem como cenário o Recife e certas áreas de Pernambuco. Refletindo sua província natal, temos apenas a assinalar o seu romance histórico “Os Índios do Jaguaribe”, publicado precisamente aos 20 anos.

Távora tinha o espírito polêmico, que se manifestara bem vivo na questão religiosa e se acentuara nas “Cartas a Cincinnati” (Estudos Críticos de Semprônio sobre o “O Gaucho” e a “Iracema”, obras de Sênio (J. de Alencar). À primeira vista pode parecer estranho que tão decidido campeão da literatura do norte tenha escolhido a um conterrâneo seu, e na época já considerado grande figura literária, para alvo de tantas críticas e remoques. O próprio Sílvio Romero, que lhe assinala “um pôsto notável entre os mais distintos romancistas do Brasil”, chamando-o mesmo de “chefe do naturalismo tradicionalista e campesino na novelística brasileira” considera “um êrro o haver publicado as “Cartas a Cincinnati”, julgando-se, diz ainda ao “intrigante português, que no debate era movido por empreitada política dos desafetos de Alencar, de um lado, e de outro por patriotada lusa, desejosa de deprimir a primeira figura literária brasileira

do tempo". E desculpando a Távora, por haver-se accumulado a José Feliciano de Castilho, diz que a sua "boa fé era completa".

Távora na Carta II a Cincinato afirma que não reconhece na "república das letras, nem oráculos indiciáveis, nem autoridades dogmáticas". Insurge-se contra "a espécie de idolatria, que existe em certo círculo para com as obras oriundas da pena de Sênio".

E na verdade, achando que certos personagens de Alencar são falsos — falsa a linguagem de todos, falsos aquêles afetos e aquêles ódios, afetos sem calor e ódios sem intensidade — e reivindicando os direitos da crítica contra a chamada ortodoxia literária, estava apenas coerente consigo mesmo e com a sua dignidade de escritor. Resta saber se Távora não era um ressentido; ou se lhe pesava a glória de Alencar, cuja influência, n' "Os índios do Jaguaribe", Sílvio Romero diz que é manifesta.

Alfredo Taunay, orador do Instituto Histórico, fazendo o seu elogio fúnebre, na sessão de 15 de Dezembro de 88, fala nas suas "prevenções"; e diz que os seus primeiros livros nenhuma repercussão tiveram na Capital e no Sul do Império. E ajunta que o indiferentismo, com que foram recebidos, inclinou o espírito de Távora, naturalmente arrebatado, nos compassos da carreira, para uma direção, que perdendo depois o primitivo caráter de violência deixou contudo rasgado sulco em seu modo de estudar as coisas e apreciá-las. Mas também reconhece "que há nas "Cartas a Cincinato" qualidades e não poucas observações justas perspicuas e sensatas". E não apenas o intuito de maldizer.

Que havia em tórno de Távora uma certa conspiração de silêncio, enquanto para Alencar tudo eram lóas, não há dúvida. Elle mesmo fala dos "santos óleos na Basílica da Côrte" e diz, a propósito da segunda edição de "Um Casamento no arrabalde":

— "Dou à estampa o romance por uma razão muito simples — porque tenciono tornar conhecidas da Côrte, em segunda edição, as minhas produções, a que ela não se deu o trabalho de volver um olhar, quando appareceram em primeira, naturalmente porque êste fenômeno barbaresco se realizou em uma província". E acrescentava: "O autor do "Casamento" tem a especial obrigação de expor a sua bagagem aos olhos de nossa polícia literária municipal, visto

que há 5 para 6 anos anda falando em um novo gênero cujo nome — literatura do norte, não pode soar bem em um mercado, onde tanto abundam produtos franceses e lusos, que vários tomam por modelo para a sua indústria, com prejuízo da indústria nacional, que não pode assim desenvolver-se e prosperar”.

El anunciava a publicação de uma obra intitulada “O Norte”, dividida em três partes ou tomos: “Literatura — História — Política, uma obra de generalização, de exame e se o quiserem — dizia — de polêmica.

A polêmica agradava a Távora, já versado nas páginas do “Ateneu Pernambucano” e na “Verdade”, onde aguentou o rojão da questão religiosa. Era uma terreno, em que se sentia tão à vontade que confessava: “Isto sumamente me agrada, mas sempre direi que não há razão para incomodos nervosos e históricos”.

Rangel de S. Paio — um homem da Côrte que estêve no Norte e escritor bem reputado, como chama — assinala, em carta datada de Santa Teresa, julho de 78, a indiferença que cercava os trabalhos de Távora. Cita mesmo o que Távora sempre lhe dissera, a propósito da publicação dos “Patriotas de 17”, que acabou lançando ao fogo, com a “Revolução do Norte em 1824”:

— “Para que? Para ficar nas livrarias à disposição das traças, com prejuízo das despesas de impressão? Ah, o povo brasileiro não lê escritos de brasileiros”.

E Rangel acrescenta que o culpado de tudo é a imprensa jornalística da época.

“Publica-se um livro e a imprensa cala-se, pois a tanto equivale a notícia fria e descarnada que dá. E cita o caso do “Matuto”.

— “O que disse a imprensa? Nada.”

É verdade que o silêncio não era apenas com Távora, mas com Araripe Júnior e Sílvio Romero.

“— V. é dramaturgo, romancista, crítico, polemista e fêz-se chefe do que chama literatura do norte, no que discordo, diz S.Pampaio. Discordando, sou o primeiro a reconhecer que v., com seus novos livros, deu salutar direção à nossa nascente e vacilante literatura, amoldou-lhe à fisionomia o cunho brasileiro, assim provando que ela é independente, que pode existir inteira, sem que se fale uma vez sequer em tupis e tamoios, tacapes e borés. Pois bem, obras

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

